

Seria o magistério um ofício infantil?

Célia Linhares

Resumo

Este artigo começou com uma provocação feita por Norman Manea, um renomado escritor romeno, que, num momento solene, retomou palavras de um escultor e conterrâneo seu, assinalando que *“todo o artista morre, quando deixa de ser criança”* – para, em seguida, reconhecer que, *“escrever é um exercício infantil”*. Logo a memória me trouxe a etimologia da palavra infância e, num relance, me fez, novamente, avaliar, o peso que estas raízes latinas impõem falta, a ausência da fala, como uma marca definidora da infância. Parei, não só na negatividade dessa herança, mas busquei, também, encontrar, na contraface dessa negação, a potência que pode significar as necessidades e as urgências para descobrir e apropriar-se do mundo, aprendendo a viver, a falar, a ler e a escrever, enfim, a inventar-se, recriando em si mesmo a humanidade e a vida, em diálogos sem fim. Por tudo isso, uma e outra afirmação me animaram a pesquisar as interdependências que a escola mantém com as correntezas, sempre em devires da vida e, especialmente da infância, como uma alegoria de todas as fases da existência humana, daí decorrendo um tipo de imprescindibilidade de nutrir-nos das memórias infantis, educacionais e escolares, como um modo de irmos avivando a arte de fazer caminhos, com espinhos, sucatas, pérolas e brilhantes, com que, a cada dia, nos miscigenamos para transfigurar-nos.

Palavras-chave: Infância; Magistério; Comunicação.

Abstract

This article began with a provocation made by Norman Manea, a renowned Romanian writer who, in a solemn moment, recalled the words of a sculptor and his countryman, pointing out that *“every artist dies, when it ceases to be a child.”* So then acknowledged that *“writing is a children’s exercise.”* Soon the memory brought me the etymology of childhood and I could assess, in a glimpse, the weight that Latin roots impose to missing. Thus, the absence of speech is highlighted as a principal mark of childhood. I considered not only the negativity of this heritage, but sought to find, in the counterface of this denial, the challenges that may mean discovering and appropriating the world, learning to live, speak, read and write, in short, to invent or recreating themselves, in humanity and life, in dialogue without end. For all that, and one other statement encouraged me to investigate the interdependencies that the school has with the movements of childhood, as an allegory for all stages of life. For all this we recognize a kind of indispensability to nourish us of childhood memories as well the education and school ones, as a way to go reviving the art of making paths with thorns, scrap, pearls and bright, day by day mixing then with us, in such way that transfigure us.

Keywords: Childhood; Magisterium, Communication.

Seria o magistério um ofício infantil?

Célia Linhares

Para Carmen Hahn,

que é uma das minhas inspirações.



Introdução

Norman Manea, escritor romeno, no seu discurso de recebimento de um dos mais importantes prêmios literários da Itália, o Nonimo, em 2002, lembrou o que um escultor de seu país costumava dizer – *“todo o artista morre, quando deixa de ser criança”* – para em seguida reconhecer o quanto *“escrever é um exercício infantil”*.

Parei diante dessas afirmações. Porque escrever seria um exercício infantil? Afinal a infância não carrega, desde sua constituição etimológica latina, do termo *infans, infantis*, uma definição negativa que se fundamenta na falta da fala.

Morei nos exercícios infantis, lembrando como a tela vazia e o papel em branco nos desafiam, exibindo muitos sinais do não saber que pedem decisões, descobertas e invenções de caminhos, não dispensando distinções, recortes, seleções e interligações de vários tipos que vão produzindo conhecimentos.

Não podemos nos afastar dos procedimentos do que seja a escritura para não confundi-la com transcrições de falas ou de conhecimentos previamente elaborados enquanto pensamos as questões. Escrever exige pensar, entrar em atalhos até ali desconhecidos que pedem conjunção de conceitos que se entrelaçam com a vida de quem escreve.

Portanto, a etimologia latina da palavra infância me levou, novamente, a considerar a negatividade dessa herança, mas também, a procurar, na contraface

dessa negação, formas de brincar, de criar, sentindo desafios e curiosidades em apropriar-se do mundo, em reinventá-lo, a falar, a ler e a escrever, enfim, a comunicar-se e, numa palavra, a viver.

Talvez, por isso mesmo, Portinari tanto apreciou pintar a infância, perscrutando seus movimentos e devires como uma alegoria das outras fases da humanidade; por isso, lhe agradava ressaltar nas infâncias, tão plurais que se moveram em suas telas, o gosto das alturas, a soltura das normas e o fascínio dos horizontes insondáveis e misteriosos.

Certa vez, ele respondeu a tantas surpresas que se expressavam nos que pasmavam diante de suas preferências por pintar as querências da infância:

“ Sabe por que eu pinto menina e menino em gangorra e balanço? Para botá-los no ar, feito anjos.¹”



(Palhacinhos na Gangorra foi pintado em 1957 sobre madeira compensada com tinta a óleo. Tem 54 centímetros de altura e 65 centímetros de largura.)²

Sem querer perder a riqueza das sinalizações com que começamos este texto, ou seja a do escritor e a da etimologia da palavra infância, decidi brincar, um pouco com as interdependências que a escola mantém com as correntezas, sempre em devires que irrompem na infância e que não terminam, sem que cesse nossa

¹ www.portinari.org.br/candinho/indez.htm

² Fonte: <http://www.portinari.org.br/candinho/candinho/abertura.htm> Acesso em Setembro de 2011.

capacidade de aprender como trajetórias de criação; interdependências que podem nos levar a balançar nas memórias da infância, com elas nos nutrindo de coragem e experiências que passam por irmos experimentando a vida.



(Meninos no Balanço, de 1960, tem 61 centímetros de altura e 49 centímetros de largura. Foi pintado com tinta a óleo sobre tela de tecido.³)

Tudo isso, vai nos permitindo, buscarmos alguns outros interlocutores e, com o apoio deles, ampliarmos a afirmação de que não só o artista, mas também o professor, o educador e todos nós humanos dependemos, para participar criadoramente da democracia, dela fazendo obra de arte coletiva e singularizadora, de nos assenhorearmos de nosso devires, desde os infantis, atualizando-os, permanentemente.

³ Fonte: http://www.portinari.org.br/candinho/candinho/gen_1.pl-BR+next+OA1398+attrib+oa_data+GT-02.htm Acesso em Setembro de 2011.

Então, começaremos, lembrando Freud que, já entranhado de suas hipóteses e descobertas com que tecia um novo campo do saber, a psicanálise, passeou pela produção literária e nela confirmou que a “criança é o pai do adulto,”.



Mas também é oportuno trazer para nossa conversa Norbert Elias que tão bem mostrou como nos entrelaçamos inexoravelmente uns nos outros, transpondo e refazendo os legados dos que nos antecederam na constituição tanto da sociedade, como das individualidades que somos, como construções, congenitamente, interdependentes, sempre capazes expandir ou atrofiar os exercícios de autonomia.

(Menino com Estilingue, de 1947, é um dos quadros de Portinari com este mesmo título. Tem 1 metro de altura por 60 centímetros de largura. Foi pintado com tinta a óleo sobre tela de tecido.)⁴

Qual a filiação dos mestres?

Não há dúvidas de que todos nós estamos ligados às infâncias vividas nas famílias, na vizinhança, nas ruas, nas escolas, nas igrejas, na frente da televisão e dos computadores e...muito mais. Por isso todos estamos, de uma forma ou outra, filiados à nossa infância, de modo intrínseco e inseparável, o que está longe de querer dizer imutável. Portamos os nossos brinquedos de maneira escondida ou visível, pela vida a fora.

Mesmo assim, quero dar relevo e especificidade a algumas dimensões do magistério que marca nossa dívida de educadores e professores com as crianças que fomos, somos e, sobretudo, que poderemos ir sendo.

- 1.) Nenhuma profissão se exercita tanto, como uma preparação difusa e prolongada, que começa desde a mais remota infância, quanto aquela que forma o educador

⁴ Fonte : http://www.portinari.org.br/candinho/candinho/gen_1.pl-BR+previous+OA-1503+attrib+oa_data+GT-02.htm Acesso em Setembro de 2011.

e o professor. Todas as experiências iniciais de nossas vidas vão se impregnando em nós e, pouco a pouco, em conjunção com as maneiras com que experimentamos a vida, as pequenas frestas para os estranhamentos e críticas que vão se multiplicando e se dilatando, enquanto nos tornamos mais abertos e porosos.

- 2.) Portanto, recebemos, nas primeiras fases de nossas vidas, feixes de lógicas, emoções, sentimentos e valores, que ao organiza-los, vamos também nos organizando com nossas concepções, teorizações e ações. Alterá-las, é possível, mas demanda processos complexos com que ressignificamos nossas memórias, nossos afetos, nossas condutas;
- 3.) Todo o processo de educar, de aprender supõe uma travessia, uma apropriação das heranças da cultura e um alargamento delas. Se o provérbio – *“quem conta um conto, acrescenta um ponto”* – já consagrou esta dinâmica na cultura popular, não podemos deixar de atentar para o que ocorre nos processos de aprendizagem e ensinagem. Quando esses processos se efetivam, com autonomia, aprendentes e ensinantes se fortalecem, nutridos pelo sentimento de valoração, de autoria, de capacidade imaginativa e criadora, de responsabilidade social, de importância de suas decisões e, resumindo, de *respeito a si e ao outro, como legítimo outro*, para usar uma expressão consagrada por Maturana.

É tempo que a formação de profissionais da educação se constitua como um percurso ético e estético e, por isso mesmo, não pode se evadir de considerar essas dimensões, em si mesmas confluentes: a importância de acolhermos a escola com suas infâncias, vitalizando-as como aberturas para a busca de realização de desejos de felicidade, com que o aprender com autonomia, inventividade e surpresas pode nos ajudar a experimentar.

É hora de lembrar Guattari em sua afirmação de que *“a prática da felicidade torna-se subversiva quando é coletiva.”*

Esta prática de felicidade se amplia na formação de professores quando ela rompe não só com os processos isolacionistas de aprender e ensinar, mas o faz enfatizando circuitos abertos e plurais de aprendizagem em que os que trabalham na

escola, independente de sua titulação prévia, podem se fortalecer, como um processo de qualificação pedagógico-política, colado ao trabalho de re-inventar a escola, tornando reciprocamente permeáveis teorias e práticas, através de incessantes teorizações.



(Este Menino com Estilingue é outro quadro de Portinari com o mesmo título. Pintado em 1958 com tinta a óleo sobre tela de tecido, tem 1 metro de altura por 81 centímetros de largura.)⁵

Será que, com professores mais acolhedores de suas infâncias, conseguiremos desenvolver escolas mais incluídas e democráticas, onde o sentimento de que vale a pena aprender e ensinar seja mais atraente do que as arrogâncias e a rigidez das hierarquias?

Afinal, precisamos de escolas que possam substituir o cinza das paredes e as violências de suas práticas por processos vivos em que perguntas curiosas que vêm das

⁵ Fonte: http://www.portinari.org.br/candinho/candinho/gen_1.pl-BR+next+OA-1106+attrib+oa_data+GT-02.htm Acesso em Setembro de 2011.

urgências, perplexidade e mistérios que envolvem nossas vidas sirvam de pistas para a construção de saberes e convivências amorosamente aprendentes.

Para não concluir



(Pieter Bruegel, Children's Games, 1560, Oil on oak panel, 118 x 161 cm, Kunsthistorisches Museum Wien, Vienna⁶)

Já que o artigo trouxe a questão da infância, convidando à revitalização e reedição de memórias tidas como longínquas, que até podem parecer já ter passado, que tal evocarmos com Bruegel os jogos infantis que se embaralhavam com a vida do século XVI?

Referências Bibliográficas:

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

Garcia-Roza L.A. Freud e o Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

GUATTARI, Félix. Milhões e milhões de Alices no ar. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do rádio: textos e contextos – Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, 98 p.

⁶ Fonte: http://www.artchive.com/artchive/B/bruegel/bruegel_games.jpg.html Acesso em Setembro de 2011.